

## INTERVENÇÃO EM CASOS DE DISLEXIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Catiane Silva Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Os alunos com diagnóstico de dislexia apresentam déficits de aprendizagem de leitura e escrita equiparada ao rendimento de outras crianças com a mesma idade e período escolar. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo revisar a literatura científica acerca das estratégias de intervenção mais utilizadas na minimização da dificuldade de aprendizado da leitura e da escrita de alunos considerados com dislexia. Segundo as pesquisas analisadas, que servem como parâmetro para esta revisão, tais como Stanilas Dehaene (2012), Martins e Capellini (2011), Fadine e Capellini (2011), dentre outros, a origem dessa dificuldade repousa num déficit no processamento fonológico. Entretanto, com o intermédio de mecanismos de intervenção há possibilidades de superação de tais limitações, a fim de que a criança minimize sua dificuldade de aprendizado. Em relação a essas estratégias de intervenção observaram-se divergências e convergências nos estudos explorados. Verificou-se avanço significativo nos estudos que exploram o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica, aspecto nefrágico em cérebros disléxicos, sendo este considerado plausível pela maioria desses estudos.

**Palavras-chave:** Dislexia. Intervenção. Consciência fonológica

**Abstract:** *The students diagnosed with dyslexia exhibit deficits in learning reading and writing equivalent to the yield of other children the same age and school year. Thus, this paper aims to review the scientific literature on intervention strategies most used to minimize the difficulty of learning the reading and writing of students with dyslexia considered. According to the studies analyzed, which serve as a parameter for this review, such as Stanislas Dehaene (2012), Martins and Capellini (2011), Fadine and Capellini (2011), among others, the source of this difficulty lies in a deficit in phonological processing. However, with the intervention mechanisms through there are possibilities of overcoming such limitations, so that children minimize their learning difficulties. Regarding these intervention strategies have been observed divergences and convergences in studies explored. There has been significant progress in studies that explore the development of phonological awareness, significant aspect in dyslexic brains, which is considered plausible by most of these studies.*

**Keywords:** *Dyslexia. Intervention. Phonological awareness.*

Os alunos com diagnóstico de dislexia apresentam déficits de aprendizagem de leitura e escrita equiparada ao rendimento de outras crianças com a mesma idade e período escolar. Os comprometimentos nas habilidades de leitura e escrita, evidenciados em alunos com dislexia do desenvolvimento, têm origem atribuída à má formação do cérebro provocada por alterações no código genético. Tal fenômeno ocasiona, no lobo temporal esquerdo, subativação acentuada nos disléxicos. Em contrapartida, o córtex

---

<sup>1</sup>Licenciada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Especialista em Língua Portuguesa e Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: <catianejq@bol.com.br>

frontal superior esquerdo (região de Broca) é superativado durante a leitura, sendo também, um comportamento atípico no cérebro.

Segundo o neurologista francês Stanilas Dehaene (2012), a maioria das crianças com dislexia sofre de distúrbios no tratamento dos fonemas e na consciência fonológica. De acordo com o autor, um déficit que parece restrito à leitura seria, na verdade, engendrado por déficits sutis na análise das classes de som da fala. Conforme o autor,

[...] A dislexia trata-se um déficit desproporcional de aprendizagem da leitura que possui fortes bases genéticas, mas, não é uma doença monogênica, isto é, atribuída à mutação de apenas um gene. Esse distúrbio da leitura de textos, causado por um problema que atinge o nível das palavras e dificulta a conversão dos grafemas aos fonemas (DEHAENE, 2012, p. 254).

Deuschle e Cechella (2009) ressaltam que os enfoques terapêuticos devem tomar como base os princípios básicos da aprendizagem da leitura no processo de conversão grafema-fonema. E mencionam ainda, que os procedimentos utilizados para diagnosticar a dislexia devem possibilitar o fato de determinar o nível funcional da leitura, o potencial e a capacidade de leitura, bem como a extensão do déficit, as especificidades do déficit na capacidade de leitura e escrita, a ocorrência de disfunções neuropsicológicas, os fatores atrelados às estratégias de desenvolvimento e recuperação para a melhoria das capacidades perceptivo-linguísticas.

Estima-se que, cerca de 5 a 10% de crianças passarão por dificuldades, num mundo que exige um domínio sempre grande do aprendizado do elemento cultural humano mais complexo: a escrita (DEHAENE, 2012, p. 255).

Nos últimos anos, a compreensão científica da dislexia e outras dificuldades de aprendizagem tem progredido em domínios envolvendo definição e classificação, correlatos neuropsicológicos, fatores neurobiológicos e intervenção (FLETCHER, 2009). Nesse contexto, as estratégias de intervenção desempenham importante papel no desenvolvimento dos processos neuronais que atuam no processo de aprendizagem, pois o cérebro humano tem a capacidade adaptativa de remodelamento, estabelecendo novas conexões sinápticas. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo revisar a literatura especializada em busca de informações acerca das estratégias de intervenção mais utilizadas na aprendizagem da leitura e aquisição da escrita de alunos com dislexia.

Este estudo trata-se de intervenção na aprendizagem de escolares com o diagnóstico de dislexia. A pesquisa na base de dados iniciou-se com a busca dos seguintes descritores: Dislexia; Intervenção; Consciência fonológica. A análise dos

resultados considerou artigos, encontrados na base de dados *ERIC*, *ScienceDirect*, *Pubmed*, *Lilacs*, *Scielo*, cujo tema refere-se a intervenções em escolares em casos de dislexia.

Observamos que houve um aumento no número de publicações a partir de 2008 que equivale a aproximadamente a 35,29% dos artigos científicos acerca de programas para a intervenção com escolares de risco para a dislexia (BOWYER-CRANE C. *et al.*, 2008).

De acordo estudo realizado com 17 artigos pesquisados, 14 (82,35%) são artigos publicados nos Estados Unidos – EUA, 2 (11,76%) publicados na Europa, sendo um na Holanda e outro no Reino Unido e 1 (5,88%) artigo publicado no Brasil. Desses estudos, apenas 2 (11,76%) artigos não foram financiados por agências governamentais de auxílio à pesquisa. Com base nessas constatações pode-se considerar que ainda são poucas as pesquisas desenvolvidas com escolares de risco para a dislexia, com a finalidade de identificação e diagnóstico precoce desta condição de origem genético-neurológica. O país que apresenta maior número de artigos publicados é os Estados Unidos, que apresenta como critério diagnóstico para a dislexia a falta de resposta à intervenção (MARTINS; CAPELLINI, 2011).

Nos artigos científicos analisados no estudo de Martins e Capellini (2011), foi identificado que as intervenções foram realizadas com escolares, pais e professores. Em 13 artigos (76,47%) foi utilizada a intervenção apenas com escolares, e em 3 artigos (17,65%) foi utilizada a intervenção com escolares e professores e em apenas 1 artigo (5,88%) foi utilizada a intervenção com escolares, professores e pais. Este dado é relevante, uma vez que é possível observar que a recomendação do “*Center for the Improvement of Early Reading Achievement*<sup>2</sup>” não está sendo seguida para trabalhos com enfoque na melhoria da leitura. Esse Centro recomenda 10 princípios básicos para o desenvolvimento da leitura em séries iniciais de alfabetização, sendo um desses princípios o desenvolvimento de programas de intervenção precoce com a leitura que incluam a participação da família e dos professores. Os testes citados nos artigos científicos e utilizados para mensurar o fator “risco” foram: *Woodcock-Johnson Psychoeducational Test Battertudosy*, *Dynamic Indicators of Basic Early Literacy Skills (DIBELS)* e *Peabody Picture Vocabulary Test*. No Brasil, o procedimento utilizado foi o Teste para a identificação precoce dos problemas de leitura.

---

<sup>2</sup> Ver mais em <http://www.ciera.org/library/instrsrc/principles/index.html>

Os estudos sugerem a utilização de programas de intervenção com base fonológica para intervir precocemente nos sinais da dislexia e, dessa forma, diminuir o número de encaminhamentos de crianças com dificuldades de aprendizagem de origem pedagógica para a realização de diagnóstico (FADINI; CAPELLINI, 2011).

Os sujeitos que participaram dos testes a partir da utilização de um Software Educacional denominado Programa de Remediação Fonológica, apresentaram diminuição significativa do tempo de execução de provas que avaliam tanto a leitura quanto a escrita de palavras isoladas. Tais resultados são similares aos de outros estudos que mostram que a melhora na capacidade de decodificação promove aumento na velocidade de leitura e facilitação de acesso ao léxico ortográfico (SALGADO e CAPELLINI, 2008). De fato, há indícios de que crianças com dislexia fazem predominantemente leitura visual global, conforme o esperado na fase logográfica de desenvolvimento da leitura (CAPOVILLA e CAPOVILLA, 2000; FRITH, 1990). Em relação às habilidades de decodificação grafema-fonema, que foram treinadas no programa de intervenção, estas parecem fortalecer o desenvolvimento da estratégia alfabética de leitura (FRITH, 1990). Desse modo, estudos que integrem o treino de habilidades ortográficas com habilidades fonológicas podem produzir efeito maior no desempenho de pessoas com dislexia do desenvolvimento em provas de leitura e escrita (TORGESEN, 2001).

De maneira geral, os estudos explorados apresentam o treinamento da habilidade fonológica em crianças com risco para a dislexia como um instrumento de auxílio à minimização da dificuldade de aprendizado da leitura e da escrita. Outro aspecto relacionado diz respeito ao fato de que quanto menor for a instrução de base fonológica para a aprendizagem da leitura, maior será o risco da identificação equivocada de uma criança como sendo disléxica (FADINI; CAPELLINI, 2011).

A maior parte dos artigos, ou seja, 10 (58,82%) dos artigos selecionados para a composição deste estudo aplicaram apenas 1 programa de intervenção em escolares de risco para dislexia e 7 (41,18%) artigos utilizaram um conjunto de 2 ou mais programas de intervenção para verificar a eficácia da ação terapêutica empregada. Isto mostra que ainda não há um consenso na literatura sobre qual a forma de intervenção mais eficaz para identificar precocemente a dislexia em escolares em fase inicial de alfabetização, conforme descrito na literatura internacional (MARTINS; CAPELLINI, 2011).

A literatura internacional destaca os principais fatores de risco como sendo: fala ininteligível; imaturidade fonológica; redução de léxico; dificuldade em aprender o

nome das letras ou os sons do alfabeto; dificuldade para entender instruções, compreender a fala ou material lido; dificuldade para lembrar números, letras em sequência, questões e direções; dificuldade para lembrar sentenças ou histórias; atraso de fala; confusão direita-esquerda, embaixo, em cima, frente-atrás (palavras-conceitos) e dificuldade em processar os sons das palavras. Com base nos sinais de risco para a dislexia, pesquisadores identificaram cinco componentes essenciais necessários para o sucesso da aprendizagem da leitura em crianças da pré-escola: a consciência fonológica, conhecimento dos fonemas, fluência, vocabulário e compreensão, sendo este o caminho para uma leitura fluente e para a compreensão de textos (MARTINS; CAPELLINI, 2011).

Assim, os 17 estudos (100%) analisados utilizaram testes de consciência fonológica para a identificação precoce de escolares com sinais da dislexia e como base para a elaboração de estratégias dos programas de intervenção, a rima e a aliteração. Além disso, também foram utilizadas estratégias de nomeação automática rápida, vocabulário, correspondência letra-som e ortografia, aspectos necessários para a aprendizagem da leitura e da escrita em um sistema de escrita com base alfabética.

Apenas 3 (17,65%) artigos deste estudo informaram que as intervenções foram realizadas por fonoaudiólogos, sendo que em 10 (58,82%) as intervenções foram realizadas pelo professor no contexto da sala de aula. Esse dado elucidado o quanto é importante a participação do professor tanto na detecção como na intervenção precoce com os sinais da dislexia, partindo-se do pressuposto que esse professor está em contato constante com estes escolares e que a sua atuação é fundamental para a melhoria da leitura e a percepção do escolar que apresenta alguma alteração cognitivo-linguística que compromete o seu desempenho em leitura e compreensão da leitura (MARTINS; CAPELLINI, 2011).

Com base nos resultados das análises de regressão hierárquica que investigaram a contribuição do processamento fonológico, dos processos subjacentes à nomeação seriada rápida e da consciência morfológica para as habilidades de precisão e fluência de leitura, pode-se dizer que tanto o processamento fonológico quanto os processos subjacentes à nomeação seriada rápida contribuem para a precisão e a fluência de leitura. No entanto, no que tange à fluência de leitura observou-se uma contribuição maior dos processos subjacentes à nomeação seriada rápida, o que é condizente com outros estudos na área (BOWERS, 1995; GUARALDO&CARDOSO-MARTINS, 2005).

Os resultados do presente estudo não evidenciaram uma contribuição independente da consciência morfológica, nem para a precisão de leitura, nem para a fluência de leitura. Além disso, é importante ressaltar também que, quando mensurada pela tarefa de associação morfossemântica no estudo de Mota *et al.* (2008), a consciência morfológica não contribuiu para a precisão de leitura, mesmo controlando-se apenas a idade. Assim sendo, a contribuição da consciência morfológica para precisão de leitura no português brasileiro ainda precisa ser estabelecida. Quanto aos resultados relativos à escrita, os resultados das análises de regressão hierárquica revelaram que o processamento fonológico, a nomeação seriada rápida e a consciência morfológica são variáveis que, de forma independente e significativa, predizem a escrita de palavras no português brasileiro.

Os resultados deste estudo mostraram que a terapia em consciência fonológica, associada ao ensino explícito da relação grafema-fonema, contribuiu de forma positiva no aprendizado da leitura e escrita da maioria das crianças do Grupo Experimental (76,47%), resultados estes que confirmam as evidências presentes na literatura de que, mostrar para a criança como a fala é estruturada e como a mesma pode ser manipulada, facilita sua compreensão a respeito do código alfabético. A terapia em consciência fonológica no processo de alfabetização favorece o aprendizado do código escrito. É necessário chamar a atenção, não somente para a importância de se “aprender a ler e escrever”, mas como este aprendizado pode acontecer. Ainda assim, mesmo considerando-se os resultados das pesquisas que mostram a eficácia desse nível de intervenção no processo de alfabetização, é importante um posicionamento coerente de que nenhum método é considerado “o melhor”. Neste sentido, mesmo sendo de extrema importância a forma de intervenção apresentada na presente pesquisa, ela deve ser considerada como uma proposta alternativa, em termos de reabilitação, para aquelas crianças que, expostas a outro tipo de abordagem, não avançam no seu aprendizado da leitura e da escrita.

Segundo Paula, Mota e Keske-Soares (2005), os resultados apresentados pela pequena parcela do Grupo Experimental que não conseguiu lograr êxito na alfabetização (23,53%) nos remetem à observação de que, para este grupo, a terapia não interferiu na aquisição das habilidades de leitura e escrita. O desempenho destes grupos, nas avaliações inicial e final da leitura e escrita de palavras e pseudopalavras, permaneceu estável.

O processo terapêutico mostrou-se muito penoso para estas crianças as quais apresentaram evidente dificuldade na realização das tarefas, inclusive as mais simples solicitadas. Sua consciência de como a fala pode ser representada através de símbolos gráficos, mostrou-se muito limitada. Observou-se também uma dificuldade bastante expressiva na capacidade de memorização destas crianças. Após a explicação das atividades, elas conseguiam realizar, por exemplo, a associação grafema-fonema, mas este foi considerado um conhecimento muito tênue: era necessário reforçar constantemente as instruções assim como retomar alguns aspectos já trabalhados quando uma nova sessão era iniciada. Para estas crianças, um estudo mais exaustivo de suas capacidades intelectuais, de linguagem e mesmo neurológicas, poderia esclarecer de forma mais consistente o porquê da sua extrema dificuldade em realizar as atividades solicitadas neste nível de intervenção (PAULA; MOTA; KESKE-SOARES, 2005).

A literatura descreve que o risco para a dislexia deve ser identificado na faixa etária de 5 a 8 anos de idade. Apesar de neste estudo os artigos científicos apresentarem variabilidade no número de escolares que compuseram as amostras dos estudos, foi possível verificar que 16 (94,08%) das intervenções foram realizadas com escolares em fase inicial de alfabetização que deveriam ser submetidos a avaliações interdisciplinares para a investigação da existência do quadro de dislexia, uma vez que a falta de resposta à intervenção pode ser considerada um critério para este diagnóstico (MARTINS; CAPELLINI, 2011).

Em estudo de Salgado e Capellini (2008), 24 crianças brasileiras foram classificadas em 4 grupos: GI, subdividido em GIe (disléxicos submetidos à intervenção fonológica), GIc (disléxicos não submetidos ao programa de intervenção), GII, subdividido em GIIe (escolares bons leitores submetidos à intervenção) e GIIc (escolares bons leitores não submetidos à intervenção). Após a intervenção fonológica, o grupo GIe apresentou desempenho semelhante ao GII, evidenciando a eficácia do programa. O programa foi realizado em 20 sessões de 40 minutos. O único grupo que apresentou evolução no estágio de leitura foi o GIe e, em ambos os grupos submetidos à intervenção, a velocidade de leitura aumentou. Esses dados, segundo os autores, revelam a importância da implantação de programas com foco nas habilidades fonológicas para posterior desenvolvimento da automatização no acesso lexical. Os resultados revelam aumento significativo na pontuação do GI no teste que avalia habilidades de consciência fonológica (PCF) e de compreensão de sentenças escritas (TCLS). Tais resultados indicam que o programa interventivo utilizado pode ser eficaz

no desenvolvimento de habilidades metalinguísticas necessárias à leitura competente, bem como na capacidade de compreensão de frases e textos (LUKASOVA *et. al.*, 2008).

Os sujeitos que participaram da intervenção apresentaram diminuição significativa do tempo de execução de provas que avaliam tanto a leitura quanto a escrita de palavras isoladas. Tais resultados são similares aos de outros estudos que mostram que a melhora na capacidade de decodificação promove aumento na velocidade de leitura, por meio da facilitação de acesso ao léxico ortográfico (SALGADO & CAPELLINI, 2008). De fato, estudos indicam que crianças com dislexia fazem predominantemente leitura visual global, conforme o esperado na fase logográfica de desenvolvimento da leitura (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2000; FRITH, 1990). Em relação às habilidades de decodificação grafema-fonema, que foram treinadas no programa de intervenção, estas parecem fortalecer o desenvolvimento da estratégia alfabética de leitura (FRITH, 1990). De fato, estudos que integrem o treino de habilidades ortográficas com habilidades fonológicas podem produzir efeito maior no desempenho de pessoas com dislexia do desenvolvimento em provas de leitura e escrita (TORGESEN, 2001).

Nikaedo (2007) observou que crianças do grupo experimental, e que foram submetidas a programa de intervenção fônica, tiveram taxa de acertos maior do que as controles em todas as categorias do Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras (TCLPP), exceto em pseudopalavras homófonas. Assim, para que efeitos mais robustos possam ser identificados, faz-se necessária a condução de novos estudos em que o intervalo entre as sessões, bem como o número de encontros, sejam maiores do que o do presente estudo.

Outros estudos de intervenção com disléxicos utilizam intervalos menores entre as sessões e número maior delas, o que pode explicar as maiores diferenças observadas entre os grupos, gerando resultados mais robustos (RASHOTTE, MACPHEE & TORGESEN, 2001). Assim, a realização de novos estudos brasileiros com intervalo menor entre as sessões e número maior de encontros responderá se o tipo de procedimento adotado pode ser mais eficaz. Com base nos resultados obtidos neste estudo, sugere-se a realização de novos procedimentos de intervenção com instrumentos que incluam atividades de favoreçam o ensino de habilidades ortográficas.



## **Considerações finais**

A partir dos resultados encontrados neste estudo, pode-se concluir que as publicações internacionais sobre o uso de programas de intervenção em escolares com o diagnóstico de dislexia vêm obtendo considerável importância nos últimos anos. Todavia, os números de publicações brasileiras são extremamente inferiores aos das publicações internacionais, ressaltando a necessidade da continuidade de pesquisas que desenvolvam ou adaptem programas de intervenção utilizados internacionalmente para a realidade brasileira. Posteriormente à realização do mapeamento dos artigos, pode-se concluir que as publicações na área em relação ao tema não são constantes, porém os artigos científicos analisados evidenciam a preocupação dos pesquisadores em elaborar, desenvolver e validar instrumentos de avaliações e intervenções que contribuam para a identificação precoce da dislexia.

Consideramos de máxima importância a observação de que, sob a terminologia “consciência fonológica”, estão envolvidos inúmeros processos que demandam atividades cerebrais também variadas. Em razão disso, é importante que se considerem de forma segmentada as análises em relação ao nível da metafonologia. Nesse sentido, é mister ressaltar que, se alguma forma de intervenção pode auxiliar as crianças no seu processo inicial de aprendizado da leitura e da escrita, ela deve envolver, basicamente, as atividades de análise e de síntese silábica e fonêmica juntamente com a instrução explícita da relação grafema-fonema. Estudos adicionais poderiam esclarecer, por exemplo, que nível de intervenção em metafonologia poderia trazer mais benefícios para as crianças, seja em período anterior ao aprendizado formal da leitura escrita, seja durante o próprio processo de aprendizagem. É notório que crianças com desenvolvida consciência silábica e de unidades intrassilábicas apresentam vantagens em relação àquelas para as quais as palavras somente apresentam relação com o seu significado. Mas, se alguma forma de instrução explícita puder representar um diferencial em relação a estas crianças, então talvez seja este o principal aspecto a ser estudado e trabalhado por todos aqueles que se ocupam em compreender esta delicada relação que se estabelece entre duas habilidades: consciência fonológica e aquisição do código escrito.

As motivações que incitaram o presente estudo, legitimadas pelos levantamentos realizados pelo MEC, confirmam uma realidade preocupante: crianças das escolas públicas chegam ao final da primeira fase do ensino fundamental com dificuldades

severas na leitura e na escrita. Com base nos resultados deste estudo, é possível delinear projetos de intervenção para desenvolver as habilidades de consciência fonológica, processamento auditivo, velocidade de processamento e raciocínio em crianças nas fases iniciais da aquisição da leitura e escrita, com vista a intervir diretamente no curso do aprendizado das crianças nesta fase escolar. Esperamos que este trabalho possa contribuir com os profissionais que se interessam pela aprendizagem, especialmente pelos processos e estratégias que as crianças utilizam em seu curso. Os conhecimentos aqui resgatados podem ser usados para se somar às pesquisas já realizadas na temática, contribuindo para a estruturação de avaliações brasileiras a este respeito e fornecendo indícios para o delineamento de programas de intervenção em nossa realidade sociocultural.

## Referências

BOWERS, P. Tracing symbol naming speed's unique contributions to reading disabilities over time. *Reading and Writing*, 1995. 7, 189-216.

BOWYER-CRANE, C.; SNOWLING, M. J.; DUFF, F. J.; FIELDSEND, E.; CARROLL, J. M.; MILES, J. Improving early language and literacy skills: differential effects of an oral language versus a phonology with reading intervention. *J Child Psychol Psychiatry*. 2008; 49(4):422-32.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível sócio-econômico. *Psicol. Reflex. Crit*. 2000;13(1):7-24.

DEHANE, S. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Tradução: Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

DEUSCHLE, V. P.; CEHELLA, C. O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção. *Rev CEFAC*, v.11, Supl2, 2009. 194-200.

FADINI, C.C.; CAPELLINI, S.A. Eficácia do Treinamento de Habilidades Fonológicas em Crianças de Risco para Dislexia. *Rev. CEFAC*. 2011 Set-Out; 13(5):856-865

FLETCHER, J. M. Dyslexia: The evolution of a scientific concept. *Journal of the International Neuropsychological Society*, 2009.15(2), 501-508.

FRITH, U. *Dyslexia as a developmental disorder of language*. London, UK: MRC, Cognitive Development Unit. 1990.

GUARALDO, C.; CARDOSO-MARTINS, C. A hipótese do duplo-déficit e o desenvolvimento da leitura e da escrita. In D. D. Dell'Aglio (Ed.), V Congresso

Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento – Psicologia do Desenvolvimento: Teorias, pesquisas e aplicações – *Anais*. São Paulo, SP: Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento, 2005. p. 93.

LUKASOVA, K.; OLIVEIRA, D. G.; BARBOSA, A. C. C.; MACEDO, E. C. Habilidades de leitura e escrita de crianças disléxicas e boas leitoras. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(1) 45-54. 2008.

MARTINS, M. A.; CAMPELLINI, S.A. Intervenção precoce em escolares de risco para a dyslexia: Revisão da Literatura. *Rev. CEFAC*, São Paulo, 2011.

MOTA, M.; ANIBAL, L.; LIMA, S. A morfologia derivacional contribui para a leitura e escrita no português? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2008. 21,311-318.

NIKAEDO, C. C. *Intervenção coletiva com programa alfabetização fônica computadorizada em escolares do ensino fundamental*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil. 2007.

PAULA, G.R.; MOTA, H.B.; KESKE-SOARES, M. A terapia em consciência fonológica no processo de alfabetização. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* v.17 n.2 Barueri: May/Aug. 2005.

RASHOTTE, C. A.; MACPHEE, K. & TORGESEN; J. K. The effectiveness of a group reading instruction program with poor readers in multiple grades. *Learning Disability Quarterly*, 24(2), 119-134, 2001.

SALGADO C. A.; CAPELLINI S. A. Programa de remediação fonológica em escolares com dislexia do desenvolvimento. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* 20:31-6, 2008.

TORGESEN, J. K. *The theory and practice of intervention: comparing outcomes from prevention and remediation studies*. Em: A. J. Fawcett. (Org.). *Dyslexia Theory and Good Practice*. (pp. 185-202). London: Whurr Publishers, 2001.

*Recebido: 30 de agosto de 2014*  
*Aprovado: 15 de setembro de 2014*